

ASA

JUDAISMO E PROGRESSISMO

ÓRGÃO INFORMATIVO E DE DIVULGAÇÃO CULTURAL DA ASSOCIAÇÃO SCHOLEM ALEICHEM DE CULTURA E RECREAÇÃO

Ano XIX Nº 113

www.asa.org.br

Julho / Agosto de 2008

13º ENCONTRO CORAL DA ASA

SEMPRE ÀS 17 HORAS

■ DIA 6 DE JULHO, DOMINGO

Coral da ASA (regente Claudia Alvarenga)

Os Curumins (regente Juliana Chrispim; pianista Cristina Soares)

Coral São Vicente a Capella (regente Patrícia Costa; preparadora vocal e assistente Malu Cooper)

Coro de Câmara Pro-Arte (regente Carlos Alberto Figueiredo; preparadora vocal Veruschka Mainhard)

■ DIA 13 DE JULHO, DOMINGO

Coral do GRESUL (regente Ricardo Szpilman)

Coro de Câmara da Escola de Música Villa-Lobos (regente José D'Assumpção Jr.)

Coral FINEP (regente Paulo Malaguti)

Coral da ASA (regente Claudia Alvarenga)

■ ENTRADA FRANCA

Estacionamento (pago) no local – Metrô Estação Botafogo, saída S.Clemente, direção Humaitá

ALEMANHA

Dirigente judeu defende a liberação do *Mein Kampf*

Opiniões de Fanny Tabak, Mauro Nadvorny e Francisco Moreno-Carvalho

Páginas 6 e 7

E MAIS...

2 **EDITORIAL**
Ligações perigosas

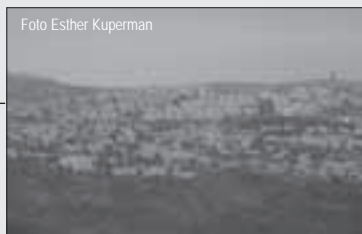
3 **JERUSALÉM**
De volta ao passado
ESTHER KUPERMAN

4 **BERTHA VITIS FEFERMAN**
MEMÓRIAS
Minha vida desde menina
(parte 2)

Moshe e Rivka Vitlis, os pais de Bertha



Foto Esther Kuperman



8 **BECO DA MÃE**
Do picolé à revolução
HENRIQUE VELTMAN

9 **IRÃ**
Notícias dos judeus
YISRAEL KATZOVER, Hamodia

10 **COMUNIDADES**
Os judeus de Niterói
ANDREA TELO DA CORTE

11 **NOTAS**

EDITORIAL

Ligações perigosas

Hotel Sheraton, 2005. Uma festa promovida pela FIERJ comemora o 57º aniversário do Estado de Israel. Entre os convidados, a então governadora Rosinha Garotinho. O presidente da Federação, em nome da comunidade judaica, saúda a governadora e, referindo-se claramente às denúncias de irregularidades que pesam sobre o governo estadual, afirma que “os cães ladram e a caravana passa”. Com a bênção do guarda-chuva institucional de todas as entidades judaicas do Rio, passa um cheque em branco a uma autoridade sob investigação, alegando ser ela uma “boa pessoa”, além de “amiga dos judeus”.

Maio de 2008. A Polícia Federal faz operação de busca e apreensão na casa do ex-governador Anthony Garotinho e, simultaneamente, prende o ex-secretário de Segurança de Rosinha, deputado estadual Álvaro Lins (mais tarde solto). São acusados de formação de quadrilha, montada entre 2000 e 2006, quando os Garotinho se revezaram no Executivo estadual. Principais crimes apontados: dar cobertura a grupos de contraventores (especialmente os que exploram máquinas caça-níqueis) e lotear delegacias policiais, transformando-as em arrecadoras para campanhas eleitorais. O deputado Lins também é suspeito de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. De acordo com a imprensa, a ex-governadora teria conhecimento do esquema.

A gestão Rosinha foi marcada por escândalos e práticas políticas condenáveis. Propinoduto, denúncias do Ministério Público Estadual e do TRE, suspeita de participação do jogo do bicho na campanha eleitoral, propaganda enganosa das obras do governo – nuvens muito carregadas, que sugeriam ao menos cautela de um dirigente comunitário.

Tudo isso mostra o perigo da promiscuidade entre uma instituição comunitária, plural por natureza, e o poder público. A pretexto de manter boas relações com políticos influentes, compromete-se a neutralidade institucional indispensável frente a partidos políticos, governantes e membros da comunidade. Nada contra regras cordiais de convivência e tratamento respeitoso. Tudo contra tornar a comunidade judaica refém de políticos “amigos” e identificá-la, em bloco e sem consulta, com personalidades e/ou grupos partidários. O resultado, como estamos vendo agora, pode ser desastroso. ■

Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 - Botafogo
Rio de Janeiro - RJ – CEP 22.260-001
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

Presidente Mauro Band
Vice-presidentes Horácio Itkis Schechter e Gitel Bucaresky
Secretárias Tania Mittelman e Rosa Goldfarb
Tesoureiros Moisé Ghersgorn e Fany Haus Martins
Diretor de Comunicação/Divulgação Jacques Gruman
Diretora Cultural Clara Goldfarb
Diretor de Memória Marcos David Somberg



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

Home page: www.asa.org.br
e-mail: asa@asa.org.br

Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

Colaboradores do Boletim: David Somberg, Esther Kuperman, Fany Sechter Ruah, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Ivo Bucaresky, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman
Programação Visual: Hama Editora

Impressão: Grafitto

Tiragem: 2.200 exemplares

Fotos: Sara Markus Gruman

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro

Regente Claudia Alvarenga



Estes dançam



Estes cantam

E você? Vai ficar só apreciando?

CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30

AULAS DE ÍDISH - Toda segunda, das 19 às 20 horas,
com Moisés Garfinkel

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

De volta ao passado

Esther Kuperman / Especial para ASA

Se algum dia Deus resolver aparecer no mundo dos homens, com certeza vai ser em Jerusalém. Porque em nenhum outro lugar existe uma atmosfera de religiosidade tão forte quanto nesta cidade. Como se toda a fé do mundo estivesse impregnada nestas paredes brancas.

A viagem de Tel Aviv a Jerusalém é como uma viagem no tempo. Do futuro para o passado. Uma excelente estrada liga as duas cidades. Limpa, bem sinalizada, asfalto em perfeito estado, a rodovia é de dar inveja aos brasileiros, especialmente os que moram no Rio de Janeiro, onde os buracos das estradas e ruas são separados por pequenas porções de calçamento. Pena que o engarrafamento na entrada de Jerusalém seja tão grande. Sinal dos tempos, de progresso, diriam alguns. Talvez. Mas os israelenses, sempre preocupados com a verdadeira modernidade, já providenciaram uma solução: um trem. Sair de Tel Aviv para Jerusalém será, então, como entrar em um túnel do tempo que começará no século 21, terminando no período do domínio romano. Sem engarrafamentos!

Como podem duas cidades tão diferentes pertencer ao mesmo país – e ao mesmo tempo? Coisas de Israel ...

Como Jerusalém é emocionante! Caminhar aqui é andar sobre sítios arqueológicos, pisar no mesmo chão onde nossos antepassados andaram. É uma cidade onde se respira o antigo.

Jerusalém está dividida em quatro partes: a área judaica, a cristã, a muçulmana e a armênia. Mas o fato é que, mesmo dividida, ela é única. As diferenças entre os bairros não anulam as semelhanças na arquitetura, no colorido, nos sons. Como se a cidade quisesse mostrar para todos os homens que é preciso parar de brigar, porque somos diferentes e iguais ao mesmo tempo. E que dá para viver sob o mesmo teto.

Jerusalém é o único lugar de Israel em que se pode ver alguém pedindo dinheiro

nas ruas. São homens e mulheres, de certa idade, que ficam em torno da região onde está o Muro, sacudindo suas caixinhas com moedas e quase cantando: “*Tsedacá! Tsedacá!*” É engraçado – pensei –, eles clamam por justiça! Fiquei imaginando: seriam socialistas utópicos? Estariam anunciando alguma proposta de redistribuição de renda? Fui informada pelo pessoal da cidade de que são pessoas idosas, que recebem alguma ajuda do governo, mas, descontentes com o volume destes rendimentos, fazem da caridade uma “complementação de ganhos”. Outros me disseram: “Ah, são os russos!” Sempre eles!

Outra criação interessante da socie-

Uma babel de línguas, objetos, referências. Uma festa!

dade israelense: o neoliberalismo à moda da casa. Aqui, como em quase todos os lugares deste planeta, o Estado foi encolhido. Privatizaram os bancos estatais, as universidades públicas foram transformadas em fundações, o transporte coletivo agora é privado, e outras situações que bem conhecemos. Mas, em Israel, o Estado ainda está presente, garantindo alguma dignidade ao habitante destas paragens. Creche e escola para as crianças, pensão para os idosos, medicina pública de qualidade – a *kupát holim* –, entre outras coisas, foram mantidas. Ufa! Nem tudo está perdido...

A gente que anda nas ruas de Jerusalém não é a mesma que circula em Tel Aviv. Sem dúvida, os hierosolimitanos não são tão “fashion” quanto os que vivem na “Bolha” – que é como chamam Tel Aviv, considerada uma bolha de moder-

nidade. Aqui se anda com roupas longas, discretas, os gestos são contidos. Aqui, o Shabat é dia de silêncio e reflexão. Lá, em Tel Aviv, o Shabat é mundano. Lá, tudo é rápido. Aqui, a vida passa em ritmo mais lento, mesmo que os homens de barba longa, vestidos de negro, que são os que definem o ritmo desta cidade, corram pelas calçadas.

Voltar a Jerusalém é sempre bom, nem que seja para constatar que há muita coisa nova: quando eu vivi aqui, o Yad Vashem era pequeno, sem o impacto que tem agora. É porque os fatos do Holocausto, à medida que se afastam no tempo, precisam ser recordados com mais força. Além disso, tornou-se um centro de estudos e pesquisas sobre o Holocausto. Acho que, independentemente da origem ou da religião, todo ser humano deveria passar por este museu. Seria um aprendizado. Talvez, ao verem o que foi feito durante a Segunda Guerra, as pessoas se tornassem mais tolerantes.

A Universidade de Jerusalém virou fundação e perdeu muito do seu charme. Os prédios parecem maltratados e os professores estão em greve. Parece que nisso Jerusalém não é única nem original. Uma pena! Mas as ruas estão cheias de gente de todo o mundo, há joalherias, lojas de souvenirs de todos os tipos, preços e gostos. E há o *shuk*, grande mercado, onde se pode comprar desde *kefiot* – aquele lenço que os muçulmanos usam sobre a cabeça e que se tornou um símbolo para os palestinos – até *menorot* e *mezuzot*. Uma babel de línguas, objetos, referências. Uma festa!

Espero voltar a esta cidade, em breve, para poder dizer que todos se tornaram mais cordatos e que aprenderam a reparti-la, sem dividi-la, com toda a Humanidade. Espero, quando aqui voltar, que haja paz na cidade e no mundo. ■

Esther Kuperman, historiadora, é colaboradora deste Boletim.

MINHA VIDA DESDE MENINA PARTE II

A chegada ao Rio

Álbum de família

Algumas indagações me foram feitas sobre se havia discriminação contra os judeus na região onde nasci e vivi alguns anos. A discriminação era ampla e geral em todo o país, da parte do regime tsarista vigente. Para “justificar” qualquer fracasso ou dificuldade do governo, este atribuía tudo aos judeus, contra os quais estimulava rebeliões e atos populares. Eram permitidos os maiores desmandos: invasões de lares, espancamentos e ataques às pessoas, todos os abusos e torturas (os chamados pogroms). Para fugir a essas desgraças, começaram, no início do século 20, os exílios voluntários daqueles que podiam dispor de alguns meios para viajar para outros países. Muitos foram, por exemplo, para os Estados Unidos, onde organizações de ajuda forneciam recursos para que os “retirantes” pudessem estabelecer-se dignamente. Muitos dos “exilados” tinham facilitada a emissão dos vistos de saída em virtude das cartas de chamada enviadas pelos parentes que já viviam no exterior. Minha família não sofreu, diretamente, os efeitos das perseguições e brutalidades.

Mas tornou-se obsessão para meu pai a idéia de sair para um país onde imperasse a LIBERDADE em que desejava criar suas filhas — ideal amplamente colhido em suas leituras sobre países dignos e liberais. De fato, nas maiores cidades da Rússia da época existiam centros de ensino superior, mas só para homens. As mulheres não tinham esse “privilégio”. Para conseguir passaporte adequado tinham que se declarar prostitutas!!! Lembro-me desse tema em filmes antigos, americanos ou franceses, focalizado de



A família Vitis em 1934

maneira crítica, naturalmente... Assim, às mulheres só restavam mesmo as funções de donas-de-casa e mães de família.

As israelitas, então, tinham suas funções redobradas, porque como tais, deveriam observar ritos próprios, sabido que a comida devia ser preparada e consumida em vasilhames e louças separadas;

- em casa, as carnes, provindas de açougues especiais, deveriam ainda permanecer no sal durante um período e ser lavadas com generosos jatos d’água antes do seu cozimento, para retirar-lhes qualquer gota de sangue;

- as comidas lácteas deveriam ser separadas das carnes. Estas podiam ser cozidas, ensopadas ou grelhadas e acrescidas de temperos e acepipes das regiões em que viviam os consumidores. Só os peixes eram considerados neutros (*páve-re*). É bem conhecido o *guefilte fish*, um peixe moído e recheado que, hoje, até se encontra à venda nos restaurantes e casas de produtos judaicos, na maioria dos países.

Passando a outros aspectos da vida judaica, lembro a figura do rabino, que, além de presidir a liturgia, tornou-se um amigo, uma espécie de juiz de paz e

conselheiro especial, sendo consultado e resolvendo problemas e questões familiares. Sua atuação era até divulgada em canções críticas oriundas do teatro popular, dizendo que “a força do rabino tudo resolvia, até a suposta infertilidade dos casais” — em ídish, transporecia a malícia, que até eu, aos sete anos de idade, já apreendia e... adeus inocência!...

Sobre nossa instrução, não me lembro de escolas de primeiras letras! As famílias se encarregavam dessa parte, por meio de seus próprios conhecimentos e com professores particulares, em casa. Tal me aconteceu: meu pai me ensinou as quatro operações da aritmética e as primeiras letras nas leituras. Pouco antes de nossa viagem, as crianças já tinham seu professor em casa, para aulas de russo e hebraico, além de ídish. Durou pouco tempo, apesar de que muito me ajudou no estrangeiro, pois pude passar em testes nas classes acima de minha idade (em vez do primeiro ano, entrei para o terceiro primário; no ginásio, comecei no segundo ano, tendo feito em casa o primeiro ano do currículo).

Sempre fui muito ligada a meu pai, pela sua inteligência, relativa instrução e seu incentivo à minha vida escolar (sei que eu tinha também sua preferência entre as filhas como a mais velha e dedicada aos estudos). Como todas as crianças, meu pai aprendera as primeiras letras com o rabino; mais tarde, procurou aperfeiçoar seu estudo da *Bíblia*, o que lhe proporcionou o direito de celebrar casamentos etc. Não era muito religioso, mas gostava da liturgia e da música com que os atos eram celebrados. Seguia a

tradição e, nos dias das grandes festas, assim como aos sábados, freqüentava a sinagoga. Não tinha vícios (ao que me lembre), gostava era de ir às reuniões de fã de algum rabino-cantor que visitava a cidade – isso gerava alguma “briguinha”, pois, não existindo qualquer meio de comunicação rápida, era difícil informar mamãe sobre seus atrasos. Papai não conhecia esportes. Mas era um bom papo, que todos admiravam, e também gostava de jogar xadrez e damas com os amigos.

Seguia a vida normalmente, mas, após a guerra russo-japonesa de 1905, ocorriam no país e em toda a Europa agitações e pequenas lutas, fazendo prever a eclosão de uma próxima guerra, que de fato ocorreu, de 1914 a 1918, reforçando o antigo sonho imigratório de meu pai.

Papai tinha vários irmãos e meio-irmãos, já radicados no interior da Argentina, numa província próxima de Buenos Aires, atuando principalmente em negócios agrícolas. Um deles, loine (Juan), era o mais antigo no caso: casado, alguns de seus 11 filhos já estavam se transferindo para a capital, Buenos Aires, em busca de outras atividades. A ele perguntou meu pai sobre a viabilidade de realizar lá seu plano, que o irmão aceitou com grande prazer, mandando logo a tal carta de chamada.

As viagens da Europa eram feitas de navio, saindo para a América do Sul da cidade alemã de Hamburgo. Apesar da oposição da tia e de sua irmã Miriam, que conservaram em seu poder nossa irmã Eva, [ver parte 1, ASA 111], iniciamos a aventura. Devíamos atravessar a fronteira com a Romênia, o que, legalmente, era muito difícil. Atravessamos clandestinamente o Rio Prut, com a ajuda de uns camponeses “especialistas” no assunto. Chegamos a uma pequena cidade-dormitório de nome romeno, Nova Sulitza, onde pernoitamos. Triste, lamacenta, essa cidade oferecia, porém, uma surpresa: já tinha cinema! (umas figurinhas coloridas baseadas, decerto, na

recente descoberta dos irmãos franceses Lumière!!!).

Noite escura. Atravessamos em silêncio absoluto a fronteira e seguimos de trem até Hamburgo. Lá, enquanto aguardávamos a saída do vapor, ficamos alojados em hotel “de classe”, bonito, higiênico e com ótimas refeições. Embarcamos no navio Blücher, terceira classe, mas relativamente confortável. Ao fim de quase 40 dias de céu e mar, chegamos ao porto de Buenos Aires. Aguardando-nos ali, um dos irmãos mais jovens do papai, incumbido de nos levar

Para conseguir passaporte tinham que se declarar prostitutas!!!

ao Centro, trouxe-nos o recado: que nem pensássemos em ir para o sítio do tio, pois fracassara a colheita e a situação lá era a pior.

Ficamos, pois, alguns dias em Buenos Aires, hospedados por tia Ester, uma das irmãs de meu pai, casada com Abraham Osajanki, que já era dono de uma próspera loja de móveis. Mas o parente não se dispunha a empregar papai, que “não tinha jeito para tais negócios”... Aconselhados e com a ajuda desse parente, fomos de trem para o interior (província de Junín, perto de Buenos Aires) e ficamos de aluguel em uma pequena casa de grupos geminados da Prefeitura, aos cuidados da sogra, que lá vivia e que assumiu parte das despesas.

O trabalho de papai lá seria o mesmo, o de prestamista (ambulante), como o de todos os imigrantes no país. Papai, que fora sempre muito elegante, mesmo no trabalho, não gostou das condições de trabalho, que o obrigavam a substituir o chapéu-coco por um boné e a carregar a mercadoria nos ombros. E lá voltou a idéia de seguir em busca de novas oportunidades...

Em Buenos Aires, nós, crianças, fomos entregues aos cuidados da tia mais nova, Celina, que nos levou a passeios e a um bar social, com mesinhas e cadeiras para lanches, e também para assistir a “cinema de verdade”. Lá, vi meu primeiro filme, *Os Miseráveis* (da obra de Victor Hugo), que nos impressionou bastante! A tia era muito gentil e apreciava nossa presença, porque estávamos sempre “bem vestidas” (cuidados do papai), mas ficava “encabulada” por só falarmos em ídish, enquanto ela, argentina, só se exprimia em castelhano.

O Rio de Janeiro (Brasil) nos esperava através de “informações”. Não havendo recursos suficientes para toda a família, só papai viajou, a fim de arranjar casa e trabalho para todas nós. Durante alguns meses de saudades, mantivemos correspondência com ele – eu e mamãe – no pouco ídish que sabíamos.

Depois de uns quatro meses de espera, chegamos, finalmente, as passagens e os vistos no passaporte! Tomamos, assim, outro navio e viajamos para o Rio!

Célia desmaiou ao ver, no movimento de estiva, a presença de várias negrinhas no Porto do Rio. Eram lavadeiras que traziam grandes embrulhos de roupas sobre a cabeça! ■

**ber
vel**

**Bervel
empreendimentos**

Administração de condomínios
Locação de imóveis
Assessoria imobiliária

Centro: 2212-6100
Fax: 2212-6101
Barra: 3321-5871 / 3325-4241
Fax: 3325-1555
www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

O secretário geral do Conselho Central dos judeus da Alemanha, Stephan Kramer, defendeu que seja liberada a publicação do livro *Mein Kampf* (Minha Luta), de Adolf Hitler, acompanhado de comentários. Leia abaixo três opiniões a respeito desta idéia.

A importância de não esquecer

Fanny Tabak / Especial para ASA

Aproxima-se do fim a primeira década do século 21, e seria útil refletir sobre as expectativas geradas pela chegada de um novo milênio e a realidade vivida pelos povos no momento atual.

Essa realidade revela que ainda hoje milhares de seres humanos são vítimas de guerras, de invasões estrangeiras, de opressão e intolerância. A esperança de ver chegarem a um fim pacífico conflitos que se estenderam por décadas não se confirmou.

Ao contrário, o recurso à invasão e ocupação de territórios estrangeiros, por meio de instrumentos de destruição em massa, durante anos, o não reconhecimento do direito dos povos à autodeterminação, a utilização de meios ilegítimos para justificar invasões e guerras e o descrédito a que têm sido submetidas as organizações internacionais criadas justamente para assegurar a paz e o exercício da democracia não são mais do que alguns exemplos dos problemas que o mundo enfrenta neste milênio iniciado há tão pouco.

Será que o mundo já esqueceu os horrores que marcaram o século 20, em tantos países, e que significaram a morte de milhões de seres humanos? Será que foram esquecidos o Holocausto – cuja existência alguns ainda insistem em negar – e os sucessivos genocídios, que muitas vezes permanecem ocultos e que se repetem, diante da indiferença de governos que se consideram democráticos?

Por tudo isso, é difícil dar apoio à idéia de que é preciso sonegar a informação, ou dificultar a circulação, de elementos capazes de esclarecer melhor as teorias e os conceitos e preconceitos que serviram de fundamento para as ações que resultaram naqueles horrores.

Uma proposta foi feita pelo secretário geral do Conselho Central dos Judeus da Alemanha, Stephan Kramer, de suspender

a proibição que impede que o livro de Adolph Hitler *Mein Kampf* seja publicado e se torne acessível ao público. A proibição está em vigor não apenas na Alemanha, mas também no Brasil.

Essa proposta abrange a inclusão de um amplo prefácio explicativo do contexto no qual foram veiculadas as idéias que provocaram o horror nazista, o extermínio de milhões de seres humanos e a subjugação de territórios e povos.

No momento histórico que vivemos hoje, em que uma reflexão mais profunda sobre valores éticos se torna indispensável, seria razoável impedir que as novas gerações e os interessados em aprofundar seus conhecimentos sobre a lógica dos fatos que nos cercam fossem privados do direito de conhecer uma obra que afetou de maneira tão dramática o curso da História no século 20? Parece que não.

Então, por que algumas pessoas se posicionam contra a publicação dessa obra? Uma possível alegação é que ela poderia talvez incentivar movimentos de caráter neonazista e manifestações de anti-semitismo, que têm surgido em vários países. Ou então, contribuiria para fazer ressurgir idéias, teorias e conceitos já desmascarados há décadas como incorretos, como tem demonstrado o extraordinário avanço da Ciência.

É de importância vital conhecer os fundamentos (falsos) de teorias que levaram a grandes catástrofes. E como já demonstrou a experiência histórica, o cerceamento da liberdade de expressão e da busca de informação sempre trouxe resultados desastrosos. ■

Fanny Tabak é socióloga, pesquisadora, autora de livros sobre participação política, Sociologia do Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia, relações de gênero, democracia e autoritarismo.

Mein Kampf?

Mauro Nadvorny

Como é possível conciliar liberdade de expressão e censura? Foi com este dilema que cerca de dez anos atrás demos início a uma batalha contra a Editora Revisão, cuja linha editorial estava voltada para os clássicos do revisionismo e do anti-semitismo.

O espécime humano é o único capaz de realizar todo e qualquer ato contra o seu semelhante: agressão, assassinato, estupro, tortura, mutilação, com ou sem ares de crueldade e/ou sadismo – por diversão, por racismo, por xenofobia, como prova de capacidade e/ou seriedade em suas palavras (como nos casos de seqüestro) etc.

Somos todos assim? Não, a maioria de nós não realiza atos dessa natureza, e a fim de conter os que os cometem, criamos leis punitivas, e até mesmo vingativas (como a pena de morte).

O conteúdo de um livro é capaz de gerar um ato de violência? Um livro pode ser usado como uma arma? A resposta é sim para ambas as perguntas.

Tomemos o exemplo das drogas. Um ser humano que usa drogas pode alegar que não está fazendo nada de errado, uma vez que o único prejudicado, em princípio, seria ele próprio. Sabemos que o ciclo da droga envolve um sem-número de crimes associados, e que até mesmo os países que tentaram descriminalizar o seu uso tiveram de voltar atrás. Os prejuízos com tratamentos e o aumento da criminalidade pela necessidade dos dependentes de se drogarem elevaram os índices de criminalidade assustadoramente.

Logo após a publicação dos primeiros livros da Editora Revisão, houve um aumento do número de atos de vandalismo com cunho anti-semita. Grupos neonazistas e simpatizantes rapidamente aderiram às publicações como leitura obrigatória e passaram a divulgar seu conteúdo e incentivar sua leitura.

A luta contra a Editora Revisão provou que no topo dos direitos humanos estão o direito à vida e o respeito às minorias e às diferenças; a seguir, o direito à liberdade de expressão. Foi provado que existe apenas uma raça, a humana, e que atos de racismo são crimes, não importando a forma como são praticados: através da apologia à violência, através de mídias quaisquer, através

Não, obrigado

/ Especial para **ASA**

de violência explícita ou implícita.

A simples idéia de se permitir a publicação do *Mein Kampf*, mesmo que acompanhada de comentários, abre um perigoso precedente. Comentado por quem? Como selecionar os “comentaristas”? Devem ser apenas os contrários às idéias do livro ou devem ser os favoráveis? Quiçá ambos?

Claro que uma idéia deste tipo gera simpatias acadêmicas. Afinal de contas, estudar o livro do responsável pela morte de milhões de pessoas — especialmente de seis milhões de judeus (sendo um milhão de crianças), um grupo étnico não combatente — motivado pela idéia de sua aniquilação suscita inúmeras indagações.

Nada existe por trás de Hitler que ainda não tenha sido estudado e que ainda não seja motivo de conjecturas. Como é possível que isto tenha acontecido? Como ninguém foi capaz de impedi-lo? Como suas ordens foram obedecidas sem contestação? Tudo isto já foi largamente discutido.

A quem interessa, portanto, tal publicação? Como sempre, aos seus seguidores: neonazistas e revisionistas. Aos que o consideram um herói do povo alemão, é uma oportunidade de disporem do livro de seu líder. Aos revisionistas, mais uma oportunidade de provarem que o Holocausto nunca aconteceu.

Existe um mundo acadêmico, e um mundo real. No mundo acadêmico, os homens são seres com bom discernimento entre o certo e o errado. São capazes de escutar a voz da razão e plausíveis quanto ao entendimento dos direitos humanos e respeito às minorias, alicerces de uma democracia.

Mas existe um mundo real, onde os homens são tratados de forma distinta, conforme sua cor, seu credo, sua opção sexual, seu nível econômico etc. Neste mundo é preciso salvaguardar o direito sagrado à vida e à convivência pacífica entre todos os seres humanos, protegendo as minorias do crime de racismo em todas as suas manifestações sem distinção.

Não a toda apologia do racismo! Não ao preconceito! Pelo respeito às minorias! ■

Mauro Nadvorny é membro fundador do MOPAR – Movimento Popular Anti-Racismo.

Pela liberdade, contra o crime

Francisco Moreno-Carvalho / Especial para **ASA**

Proibir livros é um ato que deve ser repudiado. Qualquer que seja o conteúdo dos mesmos, o uso que deles seja feito, as conseqüências de sua divulgação, nada deve nos afastar deste ideal maior, pilar de qualquer sociedade democrática.

Incitar o ódio e o racismo é crime. Deve-se coibir a propagação de idéias que advoguem a supremacia racial, que atentem contra a paz social e que propaguem a perseguição contra qualquer grupo humano.

Diante destes dois princípios norteadores nos defrontamos com a questão: o que fazer com o livro *Mein Kampf*, de Adolf Hitler? Coibir sua reimpressão e divulgação? Pedir que seja feita só com comentários alertando sobre seus malefícios? Deixar que o princípio absoluto da liberdade de expressão impere e o livro circule livremente?

O lugar do *Mein Kampf* como livro teórico é problemático. Escrito quando seu autor se encontrava na prisão, mistura autobiografia com análises geopolíticas e teorias racistas que não eram novidade no contexto da época. Sua tese de “luta de raças” pela supremacia mundial já existia em textos racistas que o antecederam. A idéia da superioridade de determinada “raça”, no caso a dita “ariana”, já vinha do século 19. A defesa do pangermanismo e da supremacia alemã era partilhada por diversos outros grupos políticos.

Não se encontra no texto nenhuma referência explícita à política de extermínio de judeus, ciganos e outras minorias. Nenhum plano detalhado sobre campos de concentração e extermínio.

Longe de ser um texto teórico, com argumentos consistentes e um programa político fundamentado, o livro é enfadonho e mal escrito, sem qualquer inovação ou idéia original. Quando transformado em leitura obrigatória para os alemães, após a ascensão dos nazistas ao poder, era motivo de piada entre alemães descontentes com o regime que viam nesta obrigatoriedade em si um castigo dobrado: não apenas viver sob o nazismo, mas ter que agüentar a leitura das “mal traçadas linhas” do líder máximo.

Não obstante, não se pode deixar o

livro no plano da piada de mau gosto ou como sub-produto do rufianismo de seu autor.

Mesmo que não seja um texto de nível intelectual, sua existência serviu como catalisador para a monstruosidade que se figurou no nazismo — movimento que, embora tenha contado com simpatia e apoio de intelectuais, como Martin Heidegger, primou exatamente pelo desprezo à reflexão intelectual, substituindo-a pelo uso da força bruta e por um regressismo que afetou todas as esferas do saber e gerou a barbárie no seu estado mais aprimorado.

Proibir o livro nos dias de hoje é tarefa quase impossível. Na internet é possível encontrar-se vários sítios que oferecem a possibilidade de baixar seu conteúdo nas mais diferentes formas digitais. Uma campanha ampla por sua proibição só gerará mais curiosidade a seu respeito.

Publicá-lo com comentários levará a uma ampla discussão sobre quem será o autor dos mesmos. Na medida em que o nazismo padece de circularidade paranóica, onde nenhum argumento racional é capaz de demover o preconceito, qualquer escolha será apontada como fruto de algum complô “judeu-maçônico-bolchevique-ciclista” ou o que o valha. Quem realmente quer ler o livro para propagar e alimentar idéias nazistas, ou lerá os comentários com escárnio ou simplesmente os descartará.

Deixá-lo circular impune também não é atitude recomendável, pois, apesar de suas grandes limitações como obra teórica, seu conteúdo, o contexto no qual foi usado e os crimes do nazismo são suficientes para configurar tal atitude como apologia ao crime. Penalizar os que dele fizerem uso, vigiando e combatendo sem trégua o racismo em todas as suas formas e o nazismo, em especial, parece a única maneira de não se colocar os inimigos da liberdade como “vítimas” de censura sem que a tolerância ao princípio de liberdade de expressão permita que idéias criminosas ganhem o status de legitimidade num debate intelectual. ■

Francisco Moreno-Carvalho é médico e historiador.

Do picolé à revolução

Henrique Veltman / Especial para ASA

O grande programa do fim de semana era ir até a Praça da Bandeira, chupar um picolé de frutas da Polar num dos quiosques, eventualmente encarar uma função do Circo Democrata e, mais eventualmente ainda, ir ao Cine Bandeirinha.

Um dia, a novidade: um carrinho amarelo e azul vendendo o sorvete Eskibon na praça. Bem, era um sorvete realmente diferente: não era nem de palito nem de massa. Era um sorvete de palito sem palito. E de massa sem ser de massa. Claro, o Eskibon vinha para ficar, adeus sorvetes e picolés Polar, dos bares, padarias e quiosques.

Isso deve ter acontecido aí por 1942.

Ao Eskibon seguiu-se o Chicabon, e a turma logo ficou dividida entre os dois sorvetes. Eu fiquei fiel ao Eskibon, acho que o Fraim optou pelo Chicabon.

No *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, a personagem principal revive todo o seu passado ao comer, já adulta, uma *madeleine*. Um biscoito. Assim, proustianamente, cada vez que eu saboreio um Eskibon, lembro momentos marcantes da minha infância. Da nossa infância, minha, do Fraim, do meu irmão Moisés, do Jacob, da Fanny irmã do Fraim, do José Lipes e de sua irmã, esqueci seu nome (estes, filhos do Moishe Lipes, que morreu na Guerra Civil na Espanha).

NEVE EM JERUSALÉM

Este ano, a neve cobriu de branco Jerusalém. Isso me remete aos idos de 1974, também em janeiro. Também em Jerusalém.

Fomos a um *kínus* sul-americano da Tnuat Aliá (movimento político sionista, partidário, destinado a promover a aliá de jovens casais), mas a neve alta na Cidade Santa nos tornou quase prisioneiros do hotel (ou pensão, melhor dizendo), Nevê Soshana. As ruas estavam intransitáveis e o país estava mobilizado na Guerra do Iom Kipur. Faltavam com-

bustíveis, o aquecimento era zero. Para não morrer de frio, descobrimos a solução, comprando o estoque de conhaque 777 numa birosca da região. Enquanto os argentinos e uruguaios batiam queijo, os brasileiros tomavam um grogue muito bom, conhaque + chá inglês. Nós estávamos enfrentando o frio e a neve de forma legal. Tão legal que, depois de uns dois ou três dias, resolvemos limpar a nossa área. Fomos, Bernardo Hojda z'l e eu, ao que seria a subprefeitura do bairro. Conseguimos requisitar uma

O GRANDE TEMPLO

Inaugurado em 1932, o Grande Templo Israelita pode ser considerado o principal monumento da comunidade judaica do Rio de Janeiro. Ele foi, pelo menos durante umas três décadas, o ponto de referência para os judeus cariocas. Tombado em 1987, acho que, hoje, abre só para as Grandes Festas e eventos especiais. Não sei, vivendo em São Paulo, nas poucas vezes em que vou à Cidade Maravilhosa, o Templo

não está no meu roteiro de visitas. Consta que o presidente da República Washington Luiz foi quem colocou a pedra fundamental da construção.

Havia uma sinagoga mais antiga que o Templo no começo da década de 1920, a Beit Israel, no final da Rua de Santana, quase encostada no leito da via férrea. Ela foi derrubada para a construção do metrô já no governo de Chagas Freitas. Lembro que o Chagas

A garotada judia do Beco da Mãe.

Nessa mesma Praça da Bandeira, os meninos do Beco travaram contato direto com o Partido Comunista. Foi em 1946, quando Luís Carlos Prestes incendiou mentes e corações, no comício que nos arrebatou. Difícil descrever a excitação e a alegria da garotada, envolvida diretamente na grande revolução mundial!

Os mais velhos chegaram a subir no palanque. Fraim e eu, claro, ficamos na fila do gargarejo. Não me lembro dos oradores do comício, nossos olhos estavam voltados apenas para Prestes. Mas eu tenho quase certeza da presença do Maurício Grabois ao lado do Cavaleiro da Esperança.

retroescavadeira e saímos limpando as ruas. Os outros brasileiros da *tnuá* se juntaram a nós e, rapidamente, o bairro ficou uma beleza! Fizemos tanto sucesso que a televisão, o rádio e os jornais vieram atrás dos brasileiros e viramos a notícia do dia! Sionismo realizador. Os argentinos ficaram fulos de raiva, afinal, enquanto a gente batia uma bola de ma-drugada, numa linha de passes diante da pensão, eles ainda discutiam ferozmente Perón, Isabelita & adjacências. Ah, esses argentinos...

chegou a atrasar as obras por ali, aguardando que a comunidade judaica se organizasse na defesa daquela sinagoga onde, para muitos, se poderia alojar o primeiro museu judaico do Rio. Mas, incrivelmente, as entidades ficaram em silêncio e a sinagoga tombou. Pena. ■

Henrique Veltman, carioca, 72 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.

Notícias dos judeus

Yisrael Katzover, Hamodia

Enquanto cobria a visita de uma delegação alemã a Israel, na semana que antecedeu Purim, sentei-me ao lado de um jornalista europeu que teve recentemente a oportunidade de se encontrar com membros da comunidade judaica no Irã. Sob o compromisso de não ser identificado, resumiu a sua visão assim: “Eles estão bem. [...] Fiquei surpreso de constatar como os judeus em Teerã se expressavam livremente em minha presença. Assumem sem medo uma posição crítica em relação a Ahmadinejad e ao que ele diz contra os judeus.”

Um dos líderes mencionou que a comunidade enviara uma carta oficial ao presidente, protestando por suas declarações sobre o Holocausto e o genocídio contra o povo judeu. Não tiveram uma resposta por escrito, mas um enviado presidencial lhes explicou que as afirmações de Ahmadinejad haviam sido mal entendidas: não visavam os judeus, apenas o Estado de Israel e os sionistas. Afirmou que o presidente prezava os judeus e iria procurar diretamente a comunidade para esclarecer sua posição.

No dia das recentes eleições, uma urna colocada pelos iranianos no interior da sinagoga de Yousefabad, em Teerã, serviu não apenas aos judeus, mas a todos os moradores da vizinhança. O comitê eleitoral era de judeus com *quipot*. A grande maioria dos judeus religiosos foi deixando o país após a ascensão do regime fundamentalista, em 1979. Os que permaneceram se definem, em sua maioria, como tradicionalistas. Das três lojas kosher que alimentavam a comunidade de Teerã até alguns anos atrás, resta apenas uma.

Os judeus do Irã, ainda que neguem qualquer conexão com o sionismo, Israel ou os israelenses, recusaram-se a fazer contato com a delegação dos Neturei Karta que foi prestigiar o presidente Ahmadinejad em sua conferência de negação do Holocausto. O regime iraniano, disse ele, está ciente de que a comunidade é or-

gulhosa dos seus 3 mil anos de tradição de cooperação com as autoridades locais.

A viagem do jornalista ao Irã ocorreu poucos dias depois de uma operação israelense em Gaza na qual morreram mais de cem palestinos. Representantes da comunidade judaica protestaram na imprensa iraniana contra “o massacre pelos sionistas de cidadãos palestinos pacíficos e amantes da paz”. Morris (Moshe) Motamed, o deputado judeu no Parlamento, foi o primeiro a assinar a proclamação anti-Israel, seguido por uma lista de clérigos e outros representantes das minorias iranianas. “Não sei se esta é a sua verdadeira opinião ou se, simplesmente, eles se sentem forçados a publicar esse tipo de manifesto como parte do seu ‘reembolso’ às autoridades iranianas”, disse o jornalista.

Os diretores e professores das escolas judaicas são muçulmanos.

Há uma pessoa, Aharon Yishai, presidente da comunidade judaica iraniana, que, em entrevistas ocasionais à mídia, diz o que pensa, mesmo que contrarie o regime. Apesar da pressão a que estão expostos, os judeus de Teerã ainda gozam de um limitado grau de liberdade de expressão.

Até o estabelecimento do Estado de Israel, mais de 100 mil judeus viviam no Irã. Para recuperar pelo menos parte dos bens deixados para trás, estaria havendo um movimento de retorno, sobretudo de gente de posses.

Afirmou o jornalista que há de 20 mil a 25 mil judeus no Irã, embora lhe tenham dito que não passassem dos 16 mil. A maior parte vive em Teerã e mantém uma conexão débil com as instituições comu-

nitárias. Algumas centenas se distribuem entre as três principais sinagogas de Teerã, sobretudo no Shabat e nas grandes festas. “Muitos expressaram sua preocupação com o número crescente de casamentos mistos e de jovens que se convertem ao islã”, e culpavam a pressão do governo sobre as poucas escolas judaicas remanescentes para que removam o conteúdo judaico do currículo, transformando-as, na prática, em escolas do Estado. Nem *Torá* nem qualquer estudo judaico é ensinado, e os diretores e professores são todos muçulmanos.

Todo o corpo médico e os pacientes do hospital da comunidade judaica são muçulmanos. A comida não é kosher. Diversos médicos judeus bem conhecidos na capital têm suas razões para preferirem não trabalhar no hospital “judaico”.

Segundo o jornalista, os poucos judeus que querem sair do Irã sabem que não vão encontrar grandes obstáculos, mas dificilmente serão capazes de liquidar os seus bens pelo valor real. Majoritariamente composta de profissionais liberais e homens de negócios, a comunidade – como todos que não são muçulmanos xiitas – enfrenta discriminação e dificuldades em arranjar empregos em postos oficiais.

O jornalista constatou anti-semitismo generalizado entre os iranianos. Apegando-se à sua ideologia fundamentalista, Ahmadinejad ficaria feliz de ser lembrado pela posteridade por ter golpeado Israel. Seria equivocado, portanto, supor que o presidente esteja simplesmente blefando.

O jornalista afirmou ter ouvido no Irã sobre um plano de uso de minorias, especificamente judeus, dentro das instalações nucleares, como escudos humanos contra um possível ataque, seja dos Estados Unidos, seja de Israel. ■

Publicado em 26.3.2008, na edição americana do semanário ultraortodoxo Hamodia.

Tradução de Renato Mayer.

Os judeus de Niterói

Andrea Telo da Corte / Especial para ASA

Em 12 de maio passado, o Centro Israelita de Niterói (CIN) e a Associação David Frischman de Cultura e Recreação (ADAF), herdeira da memória e das tradições da Biblioteca Popular Israelita David Frischman, celebraram em conjunto os 60 anos do Estado de Israel. Esse foi um dos raros momentos em que ambas as organizações conseguiram negociar a realização de uma solenidade conjunta, precisamente a oitava vez em mais de 86 anos de existência!

Os tempos difíceis, as disputas ideológicas entre progressistas e sionistas — e sua repercussão no plano cultural com o confronto constante entre idishistas e hebraístas — e entre religiosos e secularizados demarcaram lugares muito precisos entre os judeus de Niterói, que as transformações ideológicas e culturais do presente não apagaram. Assim, ainda é comum encontrar aqueles que usam as expressões “judeus do lado de cá” e os “do lado de lá” para situarem sua identidade judaica.

A par das relações conflitantes, a coletividade judaica de Niterói desenvolveu uma rica vida institucional. Em 1917, surgiu aquela que foi considerada pelo jornal *A Coluna* a primeira associação israelita do antigo Estado do Rio de Janeiro, a União Israelita de Niterói, que, tudo indica, foi a precursora do CIN.

Em 1922, dois grupos comemoraram separadamente o Rosh Hashaná. Em outubro, uma terceira associação foi criada, de caráter progressista: a Biblioteca David Frischman. No ano de 1925, criaram-se o CIN e o cemitério, este no município de São Gonçalo. Em tese, deveriam constar do CIN escola, biblioteca e caixa de assistência social. Nas primeiras décadas do século 20 foram criadas várias escolas judaicas, das quais existem apenas remotas lembranças.

Os comerciantes e prestamistas judeus das décadas de 1910, 20 e 30 criaram ou-

tros órgãos de assistência social, como a União Beneficente Pró-Doentes de Nictheroy, que já existia em 1934, e a União dos Ambulantes de Niterói, datada de 1940. Tinham as funções de caixa e de proteção aos ambulantes da repressão imposta pela Prefeitura. Além da rede informal de crédito, há notícias de outras entidades de auxílio financeiro, e pelo menos uma delas foi identificada, a Caixa de Ajuda Rachel Gueller.

A capital fluminense foi um dos maiores redutos do integralismo no Estado do Rio de Janeiro e cenário cotidiano de conflitos entre integralistas e adeptos da Aliança Nacional Libertadora. Talvez

Ainda é comum encontrar quem use as expressões “judeus do lado de cá” e os “do lado de lá”.

por isso, os discursos de inauguração da sede definitiva do CIN, conforme relatado pelo jornal *Diário da Manhã* de 6 de julho de 1938, enfatizem a operosidade, disciplina e lealdade dos judeus à ideologia dominante tanto como os valores “democráticos e libertários do governo de Getúlio Vargas”.

As tensões ideológicas do período, entretanto, não foram empecilho para o desenvolvimento da vida associativa: no final dos anos 30 e 40, o Círculo Hatikva, composto pelos jovens ligados ao CIN, promoveu inúmeras atividades, como passeios, bailes e palestras com personalidades da literatura brasileira — Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, entre outros —; a Organização Sionista estabeleceu suas

bases; e a Sociedade das Damas atuava na cidade, onde se criou também a Sociedade das Damas Pró-Auxílio de Niterói. A Wizo, denominada na época Estrela Vermelha de Davi, já possuía forte inserção entre as mulheres da coletividade, e, em 1949, o Snif Riva Teitelboim foi o segundo núcleo das Pioneiras fundado no Brasil. Em 1940, uma escola era mantida pelo CIN, e na década de 1950, outra, fundada e mantida pelas mulheres, e adequada ao currículo do MEC, foi criada para atender aos sócios, do jardim de infância ao ginasial.

Entre o final da década de 1940 e a de 1960, a atividade da Biblioteca David Frischman (BDF) foi frenética e diária: progressistas adultos, jovens e crianças participaram na campanha para arrecadação de fundos para a sede, nas palestras, conferências e festas; a ala feminina se reunia no Lein Kraiz. Em 1949, filiaram-se à Associação Feminina Vita Kempner, mais tarde Associação Feminina Israelita Brasileira, onde ajudaram a fundar e manter a Kinderland; na Escola Anexa, as crianças aprendiam ídish, hebraico e cultura judaica. O coral e o grupo dramático da BDF, dirigidos por Moisés Kawa, alcançaram grande repercussão no eixo Rio-Belo Horizonte. Como lazer, numa cidade carente de entretenimento, e como veículo constitutivo de identidade grupal, o teatro ídish teve papel fundamental na vida dos judeus de Niterói, dos “dois lados”. Os redatores do jornal *Nossa Voz*, assim como os líderes da BIBSA e do ICUF, prestigiavam os eventos promovidos pela BDF, cujo ponto alto era a lembrança do Levante do Gueto de Varsóvia. Nos anos 1940-1960, as principais lideranças da BDF — Simão Graber, Leizer Farber e Isac Yarlicht, entre outros — converteram-se também em importantes dirigentes do ICUF. Ainda nos anos 1950, a presença dos “rapazes de Niterói” era considerada indispensável nas festas do Clube Cabiras.

Na década de 60, a intensa vida associativa dos judeus da capital fluminense acelerou-se com a transferência de parte da coletividade, em processo de ascensão social, para o bairro de Icaraí. Tal mobilidade ensejou uma corrida entre as associações para ver quem chegava primeiro ao novo bairro, em vigoroso crescimento vertical. Porém, em episódio do qual pouco se sabe, parte dos associados do CIN fundou em Icaraí outra associação, a Sociedade Hebraica de Niterói. Embora muitos considerem a Hebraica apenas como clube social, não há dúvida de que expressou uma substantiva transformação no seio da coletividade.

A BDF, também desejosa de visibilidade social, construiu uma nova sede, em Icaraí, em 1967. Entre os esforços para arrecadar recursos para as obras distingue-se uma atividade de empresariamento de peças teatrais com artistas como Jô Soares, Chico Anísio e Fernanda Montenegro, entre outros.

No final dessa década, os jovens da BDF/ADAF promoviam campeonatos esportivos e as atividades do cineclub, e ainda pressionavam o maestro para incluir músicas modernas no repertório. Assim adentraram a década de 1970 cantando “Hair”. Os jovens sionistas, e outros “nem tanto”, foram atraídos

pelo carisma do *moré* Dam, em grupo que ganhou a alcunha de Grupo Dam. Alguns fizeram *aliá*.

O declínio marcou as décadas seguintes, como ocorreu com tantas outras coletividades. Pequena, mas notável, a coletividade judaica de Niterói teve uma vida muito além do seu tamanho: intensa e, sobretudo, autônoma em relação à da Guanabara! ■

Andrea T. da Corte, mestre em História Social, está desenvolvendo tese doutoral sobre a comunidade judaica de Niterói pela UFF.

MARTINS ASSOCIADOS -Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Alberto Band - Advogado

Rua Álvaro Alvim, 48 / 405 - Centro - Telefone: 2220-2784

Anna e Heloisa Araujo Eventos
Cerimonial e Logística - Bufê próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929 - E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

Dr. Sérgio Fiser - Cirurgia plástica, estética, Botox,
preenchimento de rugas, câncer de pele

Rua Siqueira Campos, 43 / 608 - Copacabana - Telefone: 2257-0359

Mauro Acelrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 - Ipanema
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852 - E-mail: acsel@globocom

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana - Telefone: 2255-7491

José Paulo Nebel - Psicólogo/ Psicanalista

Rua Benjamin Batista, 197/ 302 - Jardim Botânico - Telefone: 2286-5075

NOTAS

Capital Federal

Ivo Bucaresky está se despedindo da equipe de colaboradores deste Boletim. Foi indicado para o gabinete de **Carlos Minc**, novo ministro do Meio Ambiente, e se mudou para Brasília. *Mazal Tov* para o Ivo (abaixo em foto tirada durante o Seder de Pesach da **ASA** em 2006).



Aconteceu

Nosso sócio **Moysés Aichenblat** está feliz da vida. O **Teatro Casa Grande**, bastião da resistência contra a ditadura militar e foco de irradiação das artes cênicas no Rio, foi reinaugurado em maio, com o musical *A noviça rebelde*. Moysés e seu sócio **Max Haus**, que sempre estiveram próximos da **ASA**, pretendem manter no teatro o espaço de debates, marca registrada do Casa Grande.

Por aí

O **Coral da ASA** continua soltando a voz. No dia 14 de junho, apresentou-se no **14º Encontro de Corais da Hebraica-Rio**. No dia 26 de junho, nossos coralistas, como sempre regidos por Claudia Alvarenga, estiveram no **3º Encontro de Corais da Fundação Bradesco**.

Israel 60 anos

Nos dias 17 de maio e 1° de junho, a **ASA** promoveu um seminário para lembrar o 60º aniversário de independência de Israel. **Dina Lida Kinoshita** (USP) falou sobre a conjuntura internacional entre o fim da Segunda Guerra Mundial e 1948, com destaque para os fatores que favoreceram o surgimento do Estado judeu. **Marcio Scalercio** (foto, Universidade Cândido Mendes e PUC-RJ) analisou a situação atual e as perspectivas para o Oriente Médio. Foi exibido o documentário *Pourquoi Israël*, do diretor francês **Claude Lanzmann**.



Memória & histórias

A **ASA**, o **Museu Judaico**, o **Colégio Eliezer-Max** e a **Editora Record** promoveram, no dia 8 de junho, um papo com as escritoras **Adriana Armony** e **Tatiana Salem Levy** (foto). Autoras, respectivamente, de *A Chave da Casa* e *Judith no País do Futuro*, elas contaram como as trajetórias de seus ancestrais inspiraram os livros. Também deram suas impressões sobre o futuro da literatura memorialística.



Contos

No dia 15 de junho, **Genha Migdal** e **Dina Lida Kinoshita** vieram de São Paulo para falar sobre o livro *O Conto Ídiche no Brasil* (Editora Humanitas), no qual, ao lado de outros tradutores, ajudaram a verter para o português histórias escritas no Brasil originalmente em ídiche. O livro está à venda na secretaria da **ASA**, ao preço de R\$ 25.



*Dina e Genha vieram de São Paulo especialmente para o evento na **ASA***

Jacob Steinberg, Dora Lachtermacher, Claudia Hirszman, Marcia Szwartman e Aurea Steinberg, familiares de Clara Steinberg – uma das autoras traduzidas em O Conto Ídiche no Brasil –, participaram do encontro com Genha e Dina.

Cartas para ASA: Rua São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP 22260-001;

telefax (21) 2539-7740 ou e-mail asa@asa.org.br c.c para smgruman@terra.com.br

Devem conter nome e endereço completos, telefone e assinatura. Havendo restrição de espaço, poderão ser encurtadas sem autorização dos remetentes

ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001